

A EDUCAÇÃO E O PAPEL DA TELEVISÃO

A EDUCAÇÃO E O PAPEL DA TELEVISÃO

Prof. Doutor Armando Rocha Trindade

No início desta sessão temática, permitam-me que faça uma pequena apresentação dos elementos da mesa.

A Dr^a Maria Emília Brederode Santos é especialista de Ciências da Educação e é sobretudo conhecida em termos da projecção pública daquilo que faz enquanto assessora pedagógica do programa "Rua Sésamo", no âmbito do seu papel de responsável dos programas infantis e juvenis da RTP. Não poderia, pois, haver pessoa mais indicada para tratar este tema da televisão e educação.

O Dr. Manuel Pinto é bastante conhecido pelos trabalhos que tem desenvolvido como jornalista empenhado em problemas de educação e ainda o será mais na sua qualidade de responsável na Universidade do Minho pelo desenvolvimento curricular da disciplina "Educação para os Media". Além disso, foi um dos promotores da iniciativa do jornalismo na escola, acção que recebeu o nome de "O Jornal na Escola".

A Dr^a Maria João Avilez é muito reconhecida pelo seu trabalho como competente jornalista de comentário e de investigação. É uma mulher que tem estado muito ligada à análise dos problemas de educação, porque trabalhou directamente com um Ministro dessa pasta, o que lhe possibilitou um contacto muito directo com os problemas em que aquele gigantesco ministério se empenha e com os quais se preocupa. Para além disso, sendo jornalista e mãe muito atenta, tem

certamente competência particular para partilhar connosco as suas experiências e as suas opiniões, que serão certamente bem-vindas e apreciadas.

A Doutora Maria Emília Ricardo Marques é professora universitária e etnolinguista, especialista portanto de discursos. Interessa-se particularmente pelo discurso político, sobre o qual, aliás, versa a sua tese de doutoramento. Para além destes aspectos, é uma das pessoas que em Portugal mais sabe sobre problemas de ensino a distância e em particular sobre os seus aspectos conceptuais e teóricos.

O meu lugar como moderador justifica-se apenas por ser reitor da Universidade Aberta, que também utiliza a televisão no seu trabalho.

Para dar um "pontapé de saída" e sem correr o risco de invadir os terrenos de alguns dos meus parceiros de mesa, preparei uma breve nota introdutória, que é um pequeno conjunto de reflexões, algumas delas inspiradas no primeiro dia deste seminário. Não sendo isentas de controvérsia, destinam-se apenas a fornecer aquele grão de sal que poderá fazer falta num debate destes, bastante diferente dos outros que ocorreram no primeiro dia do seminário, pois envolviam personalidades cuja profissão ou modo de vida as conduz naturalmente à polémica, controvérsia e truculência, coisa a que nós não estamos habituados porque não somos nem tribunos nem parlamentares.

Sempre que especialistas tratam de um assunto corre-se o risco de se passar rapidamente a consensos alargados e não é isso que esta audiência espera de nós. Esperam, sim, que entremos em desacordo tanto quanto possível violento e que, se possível, cheguemos a vias de facto, pois isso seria realmente o cúmulo da animação neste caso.

Nota Introdutória:

O tema do presente painel é simultaneamente rico de conteúdo e variado, quanto às múltiplas formas pelas quais a televisão pode interferir, tanto positiva como negativamente, em processos educativos. A variedade de perfis, a experiência longa e altíssima qualificação dos membros deste painel garantem que todas essas vertentes, potenciais de utilidade e riscos de subversão de papel possam ser, aqui, qualificadamente evocados e discutidos.

A constituição deste painel tem, no entanto, ela própria um risco: uma vez que nenhum destes membros faz da polémica ou da controvérsia modo de vida ou estilo de actuação, existe efectivamente o perigo de que entre eles se venham rapidamente a estabelecer consensos alargados; ora, tal iludiria provavelmente as expectativas de uma assistência interessada; que vibraria mais, certamente, com a truculência dos desacordos a que nos habituaram os tribunos e os políticos, do que com pacíficas convergências das opiniões de especialistas.

Para obviar a este possível inconveniente, permitir-me-ei introduzir alguns grãos de sal que possam contribuir para polemizar um pouco os nossos trabalhos. Assim, e porque estamos perante um conjunto de especialistas de discursos de comunicação, começarei por evocar uma opinião de um teórico finlandês contemporâneo, especialista em problemas de comunicação, e que se sintetiza do modo seguinte (palavras minhas):

Em discursos de comunicação mediatizada, para além de outras tipologias, há a considerar os chamados **discursos**

proselitistas, ou discursos persuasivos, destinados a convencer, a modificar atitudes, a alterar comportamentos; integram-se nessa categoria quatro tipos principais de discurso: o discurso religioso, o discurso político, o discurso publicitário... e o discurso educacional. Metidos assim num saco único, as diferenças entre as respectivas éticas e motivações (raramente explícitas e, as mais das vezes, invisíveis para os destinatários) são insuficientes para fazer distinguir, entre si, aqueles discursos; e, se forem subvertidos algum tanto os contextos em que cada um se deveria logicamente colocar, existirão os riscos de se tomar como facto científico uma opinião política, como questão de fé um programa de desenvolvimento económico, ou como educacional um produto puramente comercial.

Segunda reflexão: foi ontem manifestada a opinião interessante, e que subscrevo, de que a intervenção crescente dos meios de comunicação de massas nas práticas políticas tenderá, a prazo, a inflectir as democracias representativas em direcção à praxis característica das democracias directas ou de base. Mas, com a devida vénia ao autor desta opinião, permitir-me-ei ajuntar uma outra: essa mesma tendência será confirmada e agravada pelo facto de estarmos a assistir a uma individualização do acesso a meios de comunicação que anteriormente eram essencialmente colectivos e institucionais e que passaram a ser de posse e de uso privados. Assistimos, aquando das últimas presidenciais americanas, à prática de fornecer aos eleitores um número de telefone, de fax ou de correio electrónico, através do qual o candidato pudesse conhecer directamente as tendências do eleitorado - e isto, independentemente da mediação, antes reputada como

indispensável, dos próprios meios de comunicação de massas colectivamente instituídos.

Uma terceira reflexão, a propósito de uma menção ontem feita, à "aldeia global" de McLuhan: o conceito foi estabelecido numa perspectiva de desenvolvimento alargado das telecomunicações, tanto em termos quantitativos como qualitativos; mas não era previsível, então, o concomitante desenvolvimento da faculdade de os indivíduos se deslocarem de um para outro ponto do globo, em turismo, em negócios, ou para reuniões internacionais - potenciando deste modo a referida mundialização, não já em termos de aldeia, mas com contornos de megalópolis integrada, por onde bens, pessoas, bits e pixels circulam à vontade.

Uma última nota - esta negativa - para uma tendência algo genérica de que todos, mais cedo ou mais tarde, nos tornamos culpados: a de subestimar a inteligência, o nível de desenvolvimento psicológico ou a maturidade dos jovens e, até, dos próprios adultos: a tendência para a infantilização dos discursos e das práticas argumentativas e a extensão indevida da pedagogia infantil e juvenil a terrenos que mais propriamente pertencem à andragogia, são algumas das consequências negativas desta tendência algo generalizada.

Este conjunto de reflexões, cada uma das quais é discutível de per se, conflui para uma proposição única e que passo a enunciar, sem quaisquer comentários:

O processo educativo, ao longo de cada percurso individual, deverá e tenderá a integrar uma componente progressivamente crescente de

auto-aprendizagem, em que os destinatários terão meios de acesso a informação educacional relevante, sob várias formas e suportes de mediatização, a qual utilizarão de modo discricionário, se bem que desejavelmente orientado.

Dr. Manuel Pinto

Esta intervenção procura conjugar uma dimensão testemunhal com algumas reflexões e interrogações. É que perante meios de comunicação com os quais mantemos uma intimidade quase incontornável, é fácil criar a ilusão do conhecimento, dado que todos temos uma experiência para contar. Daí o significado que atribuo a um registo de interrogação sobre os media, sobre a escola e sobre a nossa vida quotidiana.

Embora eu tenha crescido num quadro cultural referenciado à imprensa, comecei a interessar-me pelo mundo dos audiovisuais, em especial pela televisão, incentivado pelos meus filhos e a partir do terreno da publicidade. Tendo sido educado numa perspectiva que poderia designar "anti-cultura publicitária", intriguei-me profundamente quando comecei a ver em casa crianças de três anos serem tocadas e seduzidas pelo discurso publicitário e reivindicarem o direito de ouvir, ver e vibrar com os anúncios, precisamente nas alturas em que eu tinha tendência para baixar o som ou para desligar o aparelho.

Rapidamente, porém, me dei conta de que eles tinham as suas razões, que sabiam o que estavam a escolher, sabiam distinguir produtos bem feitos de produtos medíocres, independentemente do juízo de valor que se possa fazer sobre esse tipo de mensagens.

Foi a partir desse momento que comecei a procurar informar-me e a reflectir sobre o significado e alcance da relação da TV com as crianças, bem como sobre as possibilidades de interacção com um mundo que não tinha nada a ver com a minha "cultura gutemberguiana".

O segundo testemunho que gostaria de partilhar relaciona-se com um caso ocorrido no princípio do ano lectivo, numa escola do Norte. Num determinado intervalo, os alunos discutiam vibrantemente o último disco de Prince e estavam entusiasmadíssimos porque vários deles tinham as letras das canções, já tinham emprestado uns aos outros o CD e comentavam os novos "videoclips". Seguiu-se uma aula de música. Entraram ainda a discutir na sala de aula e a professora tentou impor tranquilidade, ao que os alunos ripostaram, argumentando, com uma "pontinha" de provocação, que estavam a falar de música numa aula de música. Ela, porém, cortou cerce quaisquer veleidades, respondendo que não era de música que eles estavam a falar, mas sim de barulho e que, portanto, era preciso começar realmente a falar de música, isto é, a "dar o programa".

Este "exemplo" permite-me passar para o centro da temática sobre a qual somos convidados a reflectir nesta sessão. Atendendo ao que ouvi ao longo deste seminário, sinto a necessidade de clarificar alguns terrenos que, por vezes, se confundem um pouco e que são, apesar de tudo, terrenos autónomos e diferenciados, dentro deste grande "guarda-chuva" que é "a educação e os meios de comunicação social".

A primeira das acepções a destacar é também a mais óbvia - *o papel educativo da televisão*. Terá sido porventura por causa da preocupação pelo papel educativo da televisão que este seminário terá sido organizado.

Existe um segundo terreno que, em rigor, talvez pudesse ser um capítulo do anterior, a que chamamos *televisão educativa*. Será um conjunto de produtos que têm, de forma intencional, uma finalidade educativa e porventura até instrutiva.

Um terceiro terreno a destacar é *o modo como a educação é abordada pela televisão*. Esperava que as intervenções da sessão "A Educação nos Meios de Comunicação Social" tivessem abordado um pouco este aspecto, mas talvez não se tenha ido tão longe quanto seria desejável. Na verdade, torna-se urgente e necessário reflectir sobre as representações da escola e da educação que os media alimentam e difundem através das formas como escolhem, seleccionam e hierarquizam a realidade, isto no que toca ao mundo da educação em geral e, em particular, à educação escolar.

O último aspecto, que me (pre)ocupa neste momento, é o terreno da abordagem da televisão na educação escolar, no âmbito do qual se poderiam considerar ainda vários apartados: a televisão como recurso de aprendizagem; a televisão como tema de estudo e objecto de reflexão; e a televisão enquanto factor que ajuda, contraria ou dificulta uma perspectiva de educação para a cidadania.

O trabalho que tenho vindo a desenvolver há alguns anos na formação de professores e educadores de infância no Centro de Formação de Professores e Educadores da Universidade do Minho visa exactamente ajudar a que os futuros professores-educadores sejam capazes de dizer aos miúdos que querem falar de Prince na aula, algo mais do que "aquilo é barulho e não música", isto é, que não tem lugar na escola.

Em primeiro lugar, a grande hipótese aqui subjacente é a afirmação de que o que é importante para os alunos deve ser também importante para a escola. Isto não significa que só o que é importante para eles deva ser importante para a escola, mas apenas que, se a educação não valoriza as vivências reais dos alunos - aquilo com que eles vibram, aquilo com que sonham, os seus modelos, atitudes, e valores, cuja experiência os meios de comunicação social, em especial os audiovisuais, alimentam e refletem de uma forma vincada - o processo educativo corre o risco de resvalar, de correr ao lado da vida e do mundo real das crianças e adolescentes

A segunda hipótese é que há aprendizagens a fazer neste domínio, isto é, que ver televisão não é uma competência natural que nasce connosco, contrariamente ao que sugere o senso comum. Apesar da familiaridade dessa prática, há uma alfabetização possível e necessária a desenvolver em torno do acto de ver, em torno do enriquecimento das formas de percepção, das formas de processamento e memorização e dos quadros sociais da recepção. Há uma gramática que pode ser explorada e desenvolvida, tal como importa considerar os contextos sociais nos quais as práticas televisivas e mediáticas têm lugar.

A consideração destes aspectos no processo de aprendizagem poderia contribuir para a desdramatização e enfrentamento eficaz de alguns problemas, porque quando tendemos a fazer de uma determinada variável, neste caso a TV, a causa última, definitiva e exclusiva que explica determinados problemas, rapidamente essa variável passa a funcionar como um bode expiatório, o objecto mau para o qual carregámos as nossas próprias incapacidades e frustrações.

A complexidade dos problemas humanos e sociais exige o recurso a diversas hipóteses explicativas. É por isso que, às vezes, me merece preocupação a forma linear e simplista como se propõem, por exemplo, a reflexões sobre a violência na televisão. De novo, aqui, localizar apenas na televisão a fonte do mal e o campo da acção é irresponsabilizar as práticas quotidianas que nós próprios desenvolvemos, os estilos de vida que alimentamos e que alimentam, com certeza, o consumo e o tipo de relação com esses conteúdos, e que não podem, a meu ver, deixar de ser submetidos a uma análise atenta.

Urge, por isso, que assumamos a quota-parte de responsabilidade que nos cabe nesta matéria, — da qual não podemos fazer tábua rasa. E a educação, nomeadamente na família e na escola, pode ter aí um papel insubstituível. Das numerosíssimas investigações sobre os efeitos e o impacto da televisão e dos audiovisuais no quotidiano das crianças e no seu desenvolvimento, quase todos reconhecem este aspecto fundamental: nada pode substituir a qualidade das relações directas que mediatizam os conteúdos dos media mediatizados, e que, permitem, de certa maneira, diluir, amortecer, filtrar e atribuir significado às mensagens recebidas, através do diálogo, da conversa e do tempo que nisso se investe.

Se tirássemos daqui as respectivas conclusões, talvez nem sequer nos passasse pela cabeça dizer na aula o que ouvi a um professor na altura da Guerra do Golfo: "Por amor de Deus, não me venham para a escola falar de guerra, porque, de guerra já eu estou farto de ouvir falar na televisão desde manhã até à noite". E isto quando as crianças estavam apavoradas com a possibilidade do conflito se estender à Península Ibérica, como se chegou então a falar.

Em face destas reflexões, que seria de propor?

Devíamos, em minha opinião, caminhar em três direcções:

A primeira, seria, desde logo, a **investigação**. É importante valorizar a experiência que é, a "madre de todas as coisas", mas da experiência individual não se pode tirar senão um conhecimento limitado sobre a realidade. Urge, por isso, indagar de forma sistemática as práticas sociais relacionadas com os media, conhecer com o rigor possível os significados que os diferentes actores lhes atribuem, procurando enquadrar tais análises nos quadros da vida quotidiana. Sem estes "pontos de apoio" e estes "corpus" de conhecimentos ficamos condenados ao mero domínio do opinativo e do óbvio. Ora aquilo que é aparentemente óbvio pode ser uma grande armadilha. Todos os que lidamos com os fenómenos humanos e sociais sabemos que o senso comum é um dado importante do conhecimento, mas também pode ser uma perigosa ilusão.

Acresce, neste domínio, que temos vindo muitas vezes a falar da influência dos meios de comunicação social, em especial da televisão, mas a partir de estudos feitos em realidades sócio-culturais que nos são estranhas. Devo porém fazer aqui justiça ao trabalho realizado pela Dr^a Maria Emília Brederode Santos, sobre o programa televisivo "Rua Sésamo", na medida em que é praticamente o único estudo de fôlego consistente que tem sido feito em Portugal em torno desta matéria.

Segunda direcção: a **formação**. Não podemos condenar a professora que disse que a música do Prince era barulho e que não tinha nada que ver com a aula de música. Há aqui uma revolução copernicana a fazer, que passa por nos questionarmos sobre o nosso

papel de professores e educadores. Urge criar as condições para que a escola possa responder eficazmente aos desafios culturais dos tempos de hoje.

O terceiro objectivo para onde devemos caminhar é o da **inovação**. Importa reconhecer, em primeiro lugar, o trabalho notável que já se faz neste momento em muitas escolas, onde se procura este diálogo em torno do uso e do estudo crítico dos media no interior do processo educativo. Uma visão de futuro aconselharia a que aproveitássemos essas experiências para construir um programa aberto, que incentivasse os inquietos e os interessados, que proporcionasse o encontro para reflectir sobre a experiência que se vai fazendo e para construir conhecimento; um programa que incentivasse os investigadores na área das ciências da educação, da sociologia e da psicologia a trabalhar mais estes assuntos; um projecto que nos habilitasse a ultrapassar a fase incipiente em que nos encontramos. Podíamos inclusivamente aprender também com as experiências de outras latitudes, porque este não é de maneira nenhuma um terreno novo numa grande quantidade de países.

Termino com dois provérbios de que gosto muito e que exprimem com bastante aproximação a atitude que penso dever ser a de professores-educadores, relativamente ao mundo omnipresente dos media: "Mais do que maldizer a escuridão, é preferível acender uma lâmpada"; e "Se tiveres de morar junto à praia, mais vale ensinar os teus filhos a nadar do que construir um muro em volta de casa".

Dr^a Maria Emília Brederode Santos

A minha intervenção incidirá sobre as vantagens da articulação entre a escola e a televisão e sobre as dificuldades encontradas nas condições necessárias para tal.

Começo por contar um episódio que se passou numa aula em que alunos e professora trabalhavam com base num dos treze programas televisivos de uma série chamada "Poemas Pintados". Trata-se de poemas de autores portugueses para a infância ilustrados por crianças orientadas pela Prof^a Adriana Calvet e animados depois por uma empresa profissional de animação. Antes de cada poema-animado, um bocadinho de imagem real mostra o processo de feitura de cada uma das etapas da série, desde a discussão dos poemas pelos miúdos até à inserção da ficha técnica.

O poema que originou o episódio que seguidamente relatarei é de José António Forte, um poeta relativamente pouco conhecido, próximo dos surrealistas e que morreu há uns anos. Chama-se "Um Menino Chamado Cristóvão Colombo" e é assim:

Um menino chamado Cristóvão Colombo
Partiu um dia um ovo
E só por causa disso
A mãe fartou-se de ralhar
De tal modo que o menino envergonhado
Passou a tarde a chorar.

Quando era já um homem
Cristóvão Colombo partiu outro ovo
Mas dessa vez ninguém ralhou
Pelo contrário, todos aplaudiram,
Disseram que era uma grande invenção
E que por isso devia entrar
na história da navegação.

Afinal, quem é que tem razão?
A mãe do Cristóvão Colombo
Ou os homens que escreveram
A história da navegação?

Os meninos ilustraram este poema e, com ele já animado mas ainda em estado de programa-piloto, testámo-lo com outras crianças da idade-alvo, ou seja, dos 8 aos 12 anos. Constatámos que elas não lhe achavam graça, não percebiam o texto e não conheciam a história do ovo de Colombo. Pedi então à Teresa Paixão, chefe do Departamento de Infantis e Juvenis, que conseguisse explicar coisas complicadas com textos muito simples, que escrevesse um texto para pôr em "off" nas imagens reais de modo a ajudar os miúdos. E ela escreveu o texto seguinte:

"Quando Cristóvão Colombo descobriu a América, toda a gente disse que tinha sido fácil. Então, ele pediu que pusessem um ovo em pé. Ninguém conseguiu. Ele partiu o ovo e pô-lo de pé. Pois é, era fácil! As coisas são fáceis depois de alguém as ter feito. O que é difícil é ser o primeiro."

Acompanhámos a exibição desta série numa escola em Sesimbra, que foi visitada semanalmente por uma das psicólogas da minha equipa de investigação, a Ana Branco. A professora via o programa em casa, depois passava o vídeo na aula, conversava com os miúdos sobre ele e faziam posteriormente várias actividades derivadas do que tinham ouvido, visto e discutido.

Quando foi a vez deste poema, os miúdos assistiram, acharam-lhe graça, falaram e discutiram, até que a professora abriu a carteira e tirou um ovo cozido com casca de lá de dentro e perguntou aos meninos se eram capazes de pôr o ovo em pé. O que se passou foi que os meninos estiveram dez minutos com o ovo, a experimentá-lo, a passá-lo de mão em mão, sem que nenhum o conseguisse pôr em pé. A certa altura o Cícero, aluno não muito brilhante, de origem africana, agarrou no ovo e esborrachou-o em cima da mesa, onde ficou em pé. Claro que houve logo outros meninos que disseram: "Muito obrigado, assim também eu!". Claro que eles próprios fizeram a associação entre o seu comportamento e o relatado no poema.

Achei este episódio muito interessante, na medida em que mostra bem o que é que a televisão pode dar, o que é que a escola pode dar e o que é que a articulação entre ambas pode dar. De facto, o que é que a televisão trouxe, neste caso? Trouxe o poema em condições estéticas melhores que o normal, porque a professora Adriana Calvet a quem pedi para orientar estes trabalhos tem um grande respeito pelas crianças e pela sua expressão artística, dá-lhes um excelente material e tem uma maneira de se relacionar com elas muito boa, logo é evidente que o trabalho final é disso reflexo.

Mais: a televisão tem condições técnicas que a escola não tem: música, ruídos, animação feita em computador, tudo aquilo que enriqueceu o poema e tornou as crianças mais sensíveis ao gosto pela poesia e pela ilustração. Trouxe-lhes também o conhecimento de como é que se faz um programa televisivo e, ainda, a consciência de que os seus desenhos são valorizáveis ao ponto de até poderem ser mostrados na televisão. Possivelmente terá dado a outros professores a ideia de fazerem trabalho semelhante com os alunos.

A escola, por seu lado, fez o que a televisão não pode fazer: confrontou-os com a dificuldade real da situação, com a acção, com a experiência directa, trouxe-lhes a presença e a discussão com os colegas, ao pé de quem uma dificuldade que parece insuperável se torna num mero desafio estimulante, trouxe-lhes a análise e a discussão daquilo que lhes tinha acontecido e a possibilidade de relacionarem a sua experiência pessoal com qualquer coisa de fora.

Este é um pequeno episódio ilustrativo de como ambas as partes se podem articular bem.

De facto, como já tive ocasião de escrever, o que a televisão pode fazer melhor que a escola é sobretudo proporcionar experiências - do mundo físico, social e conceptual - não acessíveis tão imediatamente à experiência directa.

O que a escola pode fazer melhor que a televisão.

O que a televisão não pode fazer (mesmo tendo em conta o recente vídeo interactivo) é atender a cada criança: observá-la, encorajá-la a questionar-se e a questionar os outros, estimular a exploração do meio

próximo, a manipulação de materiais, a experiência directa, apoiar as tentativas, reforçar a persistência, partilhar alegrias e frustrações ...

A televisão, porque desconhece as condições de recepção do aluno, também não pode abordar certos temas que, poderiam ser mal entendidos e perigosos para crianças não acompanhadas por adultos (nomeadamente problemas de segurança ou problemas com uma forte carga emocional). Quando preparado antecipadamente, um programa educativo televisivo tão pouco pode ter em conta acontecimentos de actualidade que despertam a curiosidade da criança.

A televisão apenas suscita a utilização da vista e do ouvido. Só o contacto directo permite o uso, além destes sentidos, do olfacto, gosto, tacto, movimento ...

Assim, prosseguindo no nosso raciocínio, é na relação, no atendimento individual, na escuta das "verdadeiras perguntas", na experiência directa, na exploração do meio próximo e da actualidade, e na interacção com colegas e professor que a escola é insubstituível. Uma escola do futuro, que conte com o contributo de uma televisão educativa, poderá finalmente, centrar-se cada vez mais na criança, nas suas questões e na sua experiência directa.

As condições necessárias na escola

Mas, para que iniciativas destas sejam possíveis e para que se possa beneficiar desta articulação, é em primeiro lugar, necessário que haja equipamento e condições. A experiência relatada foi possível porque esta mesma professora, há dois anos, ganhou o Totobola e foi tão especial e tão interessada que ofereceu à escola uma televisão e um vídeo, equipando-a para actividades deste género. Nós contactámo-la e

propusemos-lhe essa experiência para as investigações que estamos a levar a cabo.

A verdade é que a maioria das escolas ainda não tem televisão e muito menos vídeo, fundamental para obstar ao horário rígido da televisão.

Além de equipamento e condições físicas, é necessário que os professores estejam informados sobre aquilo que se vai fazendo, para o que é crucial uma boa divulgação. Hoje em dia já há muitos jornais e revistas onde os programas infantis aparecem discriminados, o que há uns tempos não acontecia.

A divulgação

Neste caso particular, também deparamos com dificuldades - é que os programas de maior qualidade, que não são regidos por uma lógica comercial, se esquecem de que também precisam de contribuir para a sua divulgação junto dos media. Por exemplo, um programa como a série "Contos das Mil e Uma Noites", que é muito bonito e muito bem feito, quando se quis divulgar quase não tinha fotografias para o efeito - o que prejudica imediatamente a sua divulgação na imprensa. A atenção da empresa produtora concentrou-se de tal maneira na qualidade do produto que o lado comercial foi descurado.

Acontecem fenómenos semelhantes com os produtos estrangeiros: enquanto as intermináveis e horríveis séries de desenhos animados industriais, onde se aproveita material de uns trabalhos para outros, têm uns folhetos impecáveis com ótimas fotografias e uma estupenda sinopse, tudo pronto para ser publicado, os programas de qualidade geralmente não têm. Torna-se difícil, assim, divulgar.

Os custos

Antes de tudo o mais, é preciso que os programas existam, portanto é preciso comprá-los ou fazê-los. Devo dizer que foi internacionalmente reconhecido que o Departamento de Programas Infantis e Juvenis da RTP é a cadeia europeia que mais programas educativos compra, de louvar porque normalmente estes são os programas mais caros - envolvem consultores científicos, investigadores e são orientados para uma faixa etária específica, o que lhes dá menos audiência, ao contrário das tais séries de grande consumo, que se destinam a uma faixa que vai dos 2 aos 12 anos!

O Eng^o Roberto Carneiro defendeu que o serviço público de televisão devia ser financiado exclusivamente pelo Estado, e seria lógico que assim fosse (embora também seja interesseiro da parte dele dizer isso!), mas na maior parte dos países não é isso que acontece, à excepção dos casos do Japão e da Austrália. No Canadá é como em Portugal - publicidade e subsídio governamental; na Alemanha, na Nova Zelândia e na Irlanda é subsídio governamental e taxa, etc. Quase todos os serviços públicos tiveram que recorrer a sistemas mistos para fazer face aos custos.

Produzir programas educativos

Como referi acima, também se podem produzir os programas, o que não só é muito mais caro do que comprá-los como apresenta igualmente dificuldades devido à disparidade das lógicas educativa, comercial e televisiva.

Enquanto que a educação dá muita atenção aos objectivos, ao conteúdo, ao significado, a televisão, por seu lado, atenta à forma, precisa de motivar a sedução, o prazer, tem que conquistar o público e fidelizá-lo para evitar o "zapping". A escola, pelo contrário, está habituada a cultivar o esforço, o trabalho, a obrigatoriedade. O próprio tempo da televisão e o tempo da escola são diferentes: a educação dá tempo à explicação, à prática e à maturação. Na televisão tudo tem que ser rápido, como o próprio vocabulário que desenvolveu demonstra - o "zap", o "zoom", etc. A escola cultiva a palavra, a televisão dá mais importância à imagem em movimento.

O professor controla quase tudo o que diz e o que mostra, enquanto que em televisão há a intervenção de tanta gente que é fácil perder o necessário controlo da situação.

Televisão: uma cultura em construção

Umberto Eco diz que o balanço que faz do papel de televisão é que ela embrutece os cultos e cultiva os que levam uma vida embrutecedora. Acho que se assim fosse já não seria mal. O que eu desejava e aquilo por que luto é que a televisão não embruteça ninguém, se possível cultive todos e os enriqueça, não só de um ponto de vista informativo mas também emocional e esteticamente. Somos todos incultos televisivamente, como dizia o Manuel Pinto; é uma cultura que ainda se está a construir, ainda há muito para investigar, experimentar, criar e inovar. É por isso que a televisão pode ser tão horrível e é por isso que a televisão pode ser tão fascinante.

Maria João Avilez

Trago a esta sessão um testemunho pessoal como cidadã, mãe, educadora e jornalista.

Na década de 60 iniciei a minha actividade profissional na televisão, nos meus longínquos 17 anos. A TV era um factor de diversão, um lazer entre vários outros, uma pacata caixa que funcionava apenas a duas cores, o negro e o branco.

A minha geração lia, gostava de livros e frequentava livrarias. O cinema era uma solicitação quase permanente e os cineclubes e os ciclos de cinema tinham um impacto extraordinário na nossa formação, no nosso imaginário, na nossa cultura e no nosso divertimento.

A casa, por seu turno, era um lugar assente numa estrutura familiar sólida e de regras claras, onde cada um - pais, avós, filhos - desempenhava um papel (passe a expressão!). Não era um local de passagem nem um dormitório, mas uma retaguarda onde, entre outras coisas, se conversava e onde havia muitas vezes quem lesse e até quem nos contasse histórias.

A rua e o bairro tinham também uma existência própria e constituíam, à sua maneira também, uma pequena comunidade com o seu espaço e a sua respiração próprias. A escola era o núcleo central donde tudo irradiava para nós.

Todo este pano de fundo onde nos movíamos contribuía para a harmonia e o equilíbrio que amparava e emoldurava o nosso crescimento, fomentando um critério e armando uma exigência. A

televisão era assim, nesse contexto, um entre outros meios, uma entre outras solicitações. Até pelo facto da informação que o antigo regime facultava ser suspeita, a minha geração era muito mais estimulada a ser exigente na sua curiosidade, a ser muito mais crítica e a estar muito mais atenta.

Nos dias de hoje, o que é que eu, mãe de quatro filhos de gerações muito diferenciadas, vejo? A minha filha mais velha, de 25 anos, cresceu para a vida e para o mundo enquadrada num ambiente a meio caminho entre aquele que eu vivi e o de hoje, um universo que resultava do equilíbrio entre pais, a casa, a família, os livros, o cinema, a escola, o bairro.

O mais novo, de 9 anos, é um menino que respira pelo pulmão da televisão, do computador, do vídeo, da parabólica e dos jogos de computador. É um menino mecânico, se é que me posso expressar assim, e de certeza que desarmado. É um menino para quem a "Rua Sésamo" preencheu alguns bons momentos, "Rua Sésamo" essa que ele troca hoje com grande à-vontade e imperturbabilidade pelos tiros, pelos tremendos guardas Ninjas e pelos dinossauros.

Assim, a minha perspectiva como mãe, cidadã e jornalista é muito pessimista - peço desculpa ao Manuel Pinto pelo bode expiatório - e o olhar que eu pouso é grave e pesado. Senão, vejamos...

Como desapareceram todos, ou quase todos, os outros factores de cultura e de educação, a televisão é o único alimento intelectual dos jovens (não vale a pena disfarçar!), porque preencheu sózinha o vazio deixado pela ausência dos outros. O écran ocupa-lhes a cabeça e a alma da pior maneira, numa escalada de canais, parabólicas e vídeos. A

forma totalmente afunilada como os jovens armazenam as imagens é pura e simplesmente terrível (também não vale a pena disfarçar!).

Reparem que se lhes dá quase sempre, com honrosas exceções, a anormalidade como regra e uma visão da vida pintada quase exclusivamente com as cores dos assassínios, da morte, do sexo, do terror, do espectáculo da violência glorificada. E pior, num cenário de pura e dura concorrência, há que ver quem é o mais violento e quem leva a melhor neste perverso e subvertido reino. Logo, não se referencia nem a realidade nem a vida, falando "grosso modo"; não se estimulam nem os valores éticos nem estéticos, com as mesmas honrosas exceções; há a tendência para tomar a excepção pelo todo e é-nos fornecido um quadro de padrões quase anormais.

Resumindo, cria-se assim uma habituação grosseira a algo que não constitui a regra geral, e isto parece-me grave. Não é de mais repeti-lo, essa tal feroz luta pelos sacrossantos índices de audiência afasta automaticamente qualquer critério ou conceito pedagógico.

A produção nacional é estupidificante, ou quase, esgotando-se praticamente em concursos vazios e ocios e numa inflação de *talk shows* onde se privilegia muito mais o espectáculo da discussão do que a essência da discussão. A razão é simples: *talk shows* e concursos são coisas baratas e o recurso aos enlatados deixa-nos, a nós portugueses, pouca margem de manobra. Compra-se praticamente em saldo o que os outros deixaram nas gavetas das produtoras, também porque há pouco dinheiro. Não nos iludamos, razões orçamentais irão conduzir a uma articulação nefasta; uma brutal concorrência aliada a uma crise económica vai conduzir a um panorama que tem tendência a agravar-se e a ficar cada vez mais pobre.

Além disto, que não é pouco, a cada vez maior sofisticação dos códigos audio-visuais torna paradoxalmente as coisas mais redutoras, mais simplificadas, e muito pouco exigentes. Resultado: há uma gradual deseducação da imaginação, da sensibilidade, do critério, das capacidades intelectuais. Numa palavra, este processo de sobre-simplificação dispensa os nossos filhos de pensar.

Não penso também que se tenha vindo - e agora fala a jornalista - a apostar numa boa informação. Toma-se geralmente como boa e livre uma informação talvez apenas por haver agora a escolha entre quatro canais, que eu agradeço de resto à Santa Madre Igreja e ao Doutor Balsemão. Mas é quase só por isso. Se repararem bem, agora há tendência de se achar que temos uma informação óptima porque se pode escolher... mas no fundo não quer dizer que ela seja melhor pelo facto de se escolher. A aposta parece circular mais pelo "fait divers", pela criação de factos políticos, essa espécie de horrendo e sub-produto da democracia, pelo grande espectáculo, muitas vezes quase só superficial e quase só espectacular na forma.

Na informação televisiva toma-se geralmente a classe política como uma espécie de bobos da corte, porque são entendidos como tal. São ridicularizados ou julgados e raramente ouvidos naquilo que nos deveria surgir a nós como essencial. Há frequentemente perante um político ou um actor da sociedade civil uma postura que oscila por parte do jornalista entre o chiste, o processo de intenção ou, pior, o juízo pré-formulado. Portanto, eu não sinto queda nem (helas!) para uma coisa nem para outra, nem para uma fórmula, nem para outra.

Uma informação correcta, onde tenha havido o prévio cuidado e critério entre a notícia e a ponderação dessa notícia, desse dar a ver,

desse dar a conhecer e a ouvir, seria sem dúvida - caso tivesse havido - uma boa base para uma boa educação. Uma coisa não é desligável da outra.

Concluindo este bode expiatório, como o écran da televisão será cada vez mais avassalador nas nossas casas e nas nossas vidas, eu convido-vos a reflectir se não é senão a escola o único veículo de conseguirmos, juntos, inverter esta tendência deste estado de coisas que se no presente é o que é, no futuro não augura nada de bom. A Maria Emília Brederode deu disso alguns indícios e nós conhecemos o seu notável trabalho de lenta e esforçada criação, mas ela está um pouco sozinha. E isto que eu descrevi, que posso ter pintado, admito, com cores um pouco negras demais, não está longe da verdade. Há um longo caminho a percorrer.

A minha mensagem e aquilo que eu deixo para reflexão é: se não for a escola, evidentemente com a ajuda dos pais, nós estamos feitos, para falar em bom português.

Profª Doutora Maria Emília Ricardo Marques

Ao preparar algumas linhas para esta intervenção, pensei fazer algo que não está muito nos meus hábitos, ou seja, ler atentamente a programação semanal da televisão através de uma revista comprada para o efeito. Assim li, integralmente, os números 771, 772 e 773 da "TV Guia", ou seja, os últimos.

A minha preocupação em termos educativos está muito próxima da da Maria João. Mas não me preocupam só os programas designados

por infantis ou juvenis, perturbam-me também certas horas adormecedoras do serão em que pais, filhos e avós assistem, mais ou menos impávidos, mais ou menos mudando de canal, a determinados programas.

Na primeira das revistas encontrei, logo na abertura, um artigo que tem por título "Inocentes Apanhados", onde se enfatiza fenómeno que hoje se revela dominante, o da encenação do real, com a consequente, "presença no ecrã do cidadão comum" - explicita-se no texto - (págs. 12-14); no fundo, a ideia é a de levar ao estúdio todo o tipo de pessoas, "desde o gestor ... (não percebo o destaque) às pessoas mais simples". E o incrível acontece, constituindo-se como plausível, numa representação de cenas aparentemente reais, que articulam armadilha montada, logo realidade simulada, extremamente inverosímil (e quanto mais inverosímil mais aplaudida é, como sabemos), armadilha onde caem vítimas inocentes, só elas autênticas. Acontece isto em "Os Inocentes", "Minas e Armadilhas", "A Câmara do Cândido" ou "Isto só Vídeo".

Creio que o perigo desta confusão de planos, que esbatem as fronteiras do real, do verosímil e do irreal é maior do que todos os que decorrem das séries de ficção apresentadas.

Outro ponto que me inquieta, pessoalmente - isto depois de ver vários programas de televisão que habitualmente não vejo - é a presença massiva, nos nossos ecrãs, em muitos dos programas existentes, de indivíduos tão vulgares como todos nós, cansados, fartos de muita coisa, até de problemas de trânsito. As consequências da introdução deste novo tipo de actores televisivos são várias e, quanto a mim, graves, decorrendo do facto de simular a abertura de uma forma muito

própria de interactividade público-televisão, visto aquele se tornar fisicamente presente em programas, nas mais variadas faixas etárias e, quer em grupos, quer individualmente.

Quero expressar o quanto me chocou, ontem, nessas actividades de visionamento que me não são próprias, ter visto aquilo que foi designado, por alguns, como "circo televisivo": o programa do Canal 1 com os **mil espectadores**, no Palácio de Cristal e o programa da TVI com **dois mil intervenientes**. Transcrevi mesmo uma das frases dita por um dos interventores: "Assim não há debate possível". Ora o facto é extremamente grave, porque o que parece ser fenómeno de democracia acaba por ser fenómeno comiceiro, sem qualquer ponta de lógica.

Outro ponto a destacar é o facto de o público se ter tornado pseudo-actor: porque *é apanhado* a agir, pseudo-actor mesmo se apenas aparece com boné e camisola de um partido, com bandeira ou com cachecol "clubista" em comício; e ainda será pseudo-actor nos videogramas em série, aqueles que, com frequência, nos aparecem na televisão e em que cada um de nós representa ante as chamadas "câmaras electrodomésticas".

A presença invasora deste público marca-se, portanto, como presença física no ecrã, sobretudo em debates e em concursos. Apresenta-se ainda como voz escutada, se por acaso há intervenções telefónicas visando questionar convidados de programas; ou se como inquirido, responde sim, ou não, a perguntas (que são dicotómicas) mas com as quais se pressupõe que anime debates; ou quando escolhe filmes absurdos, o que aconteceu em determinadas noites de sábado (felizmente ... o hábito acabou); ou, enfim, se decide de certas histórias

que se assumem como reais (exemplo: "Você Decide"). A mesma intervenção de seres comuns acontece através da apresentação de casos da vida reconstituídos em telefilme, aparentemente verosímeis, mas em que o encadeamento lógico é apagado pela ordem cronológica e onde se demarca uma técnica em contraponto, empobrecida, extremada, simplista e fácil, e até uma encenação sonora que desambiguiza a intriga, enfatizando, quer os momentos de clímax, quer os de tortura de alma.

Em contraste, as cenas do real, apresentadas ao vivo, surgem inverosímeis, atingindo uma violência enorme e gratuita. É uma violência que marca os telejornais, onde o visto, autenticado porque constatado documentalmente, deixa de ser crível, até pelo espanto e inquietação que provoca. Cite-se, a título de exemplo, o assassinio, por espancamento, de um bebé de 2 anos, levado a cabo por crianças de 10 e 11.

O próprio homem, comum e vulgar que nos aparece, surge como fonte básica de informação. São sondagens, entrevistas de rua, ou é um programa como "Praça Pública". Esse homem actua ainda em séries de variedades, onde é cantor, actor, vedeta e até de quem se diz "Você é Excepcional". É ele também que agita, intervém, polariza concursos e jogos. É ele, enfim, que distingue, pelo mecanismo dos níveis de audiência, programas vários, ou decretando-lhes inevitável continuidade ou, pelo contrário, minimizando outros, por exemplo as entrevistas, e cito as palavras de Diana Andringa, quando diz: "As audiências não gostam de entrevistas" (TV Guia, 773, pág.30).

E a pergunta surge: que mudanças culturais, que mudanças nos sistemas de acção e de reacção, podem vir a acontecer, dada esta

anómala presença do cidadão comum, e que reflecte a de todos nós afinal?

Tem-se vindo a constatar, - já Umberto Eco o dizia em 1980 - , um apagamento de marcas nos géneros televisivos. Constatou-se ainda um alargamento do papel do telespectador e um conseqüente apagar de fronteiras entre espaço público e privado. Ora este facto assume, não só as modalidades que referi, como as que Umberto Eco analisa ao contrapor uma televisão em que "la caméra enregistre un réel qui lui préexiste", àquela em que "le réel est constitué pour la caméra" (ver "Desaparecidos", "Espões", "Repórteres").

Houve, portanto, como vemos, ruptura e transformações nos hábitos e no conseqüente consumismo televisivo, até pela abundância de emissões e de canais. Daí a ocorrência de fenómenos como o "zapping", fenómenos que em nada favorecem hábitos de atenção, levando-nos a ser cada vez mais receptores, e sendo contudo cada vez menor a qualidade da recepção.

Mafalda dizia: "Seria bom poder pensar em frente da televisão sem ter que a desligar." (TV Guia, 373, pág.30). Ora, **pensar** implica reacção a, implica apreciação de, análise, discussão, implica também verbalização. Mas, dir-me-ão, se o verbal invade o ecrã, como queixarmo-nos de que faltam as palavras? Como, se estas abundam e se isso efectiva o domínio do som sobre a imagem? Lembremos que podemos seguir o noticiário ou a telenovela ouvindo-os noutra sala ou que podemos mesmo estar relativamente distraídos diante da televisão, até a fazer outra coisa, só a olhando de tempos a tempos e continuando, calmamente, a seguir a acção.

Pergunte-se portanto: onde estão as imagens que podem, de facto, valer mil palavras? Ou será, e retomo o texto de Diana Andringa, "que as actuais imagens apenas servem para mentir mais eficazmente do que se o fizéssemos com mil palavras"?

Constata-se, como vimos, transformações no papel do público, público que hoje parece ser agente, embora em modalidades muito específicas que simulam uma falsa interactividade e que conduzem, sobretudo, a profundas mudanças culturais. Cremo-las tão profundas que transformarão o imaginário colectivo, visto ter-se minimizado o modelo anterior, caracterizado, é verdade, por uma passividade alienante e com efeito anestésico, que alguns caracterizaram como "pastilha elástica visual".

Enfatiza-se hoje um modelo que se diz de comunicação. Contudo, o que surge, é algo facilitador de dialogismo superficial e de relações interpessoais igualmente de superfície, mas que apontam para uma certa realização de um EU, episodicamente surto, logo apagado, retornado ao anonimato anterior, excepto quando começa a tornar-se vedeta, interveniente em concursos vários onde é assíduo, até pelos prémios - carro, electrodomésticos ou dinheiro - em princípio ao alcance de "todo o mundo" - designação usada na acepção vicentina.

Visando criar fãs, fidelidades, clientelas, amigos, fomentou-se o simulacro de uma relação interpessoal que parece orientada, individualizada; que parece dar-nos a palavra, transmitir uma sensação de autonomia, quando não de compromisso pessoal, de implicação e de poder - volto a recordar "Você Decide".

A transformação e a mudança quotidianas surgem assim como possíveis e, o que é mais, parecem apenas dependentes da vontade de EU, um que não sente estar a ser submetido a escolhas só abertas na aparência. É que, na realidade, estão assentes sobretudo em votações alternativas, ou "sim" ou "não", ou "A" ou "B". E "Eu" vota, "Eu" age telefonando, "Eu" julga decidir sem sair do sofá, navegando sem se dar conta em universo de referências apenas televisivas enraizadas quase só numa ficção inverosímil. Tudo isto acontece sem sair de casa, casa essa onde tudo lhe é hoje oferecido. E eis que o "voyeurisme" é estimulado tanto quanto o devassar de intimidades, de pecados assumidos em confissão pública e até perdoados.

Recordemos que se iniciou esta semana um programa, "O Pecado Mora Aqui", que os autores definem como "um programa em que se irá falar dos sete pecados capitais aos amenos pecadinhos (as pequenas fraquezas a que ninguém consegue resistir). Num espaço onde não se pretende condenar ou absolver, mas apenas discutir, questionar e até mesmo brincar, pecadores confessos dão mote para cada programa e verão as suas faltas analisadas por um grupo de convidados". Serão, pois, analisadas as faltas, tal como o são as rotinas, os clichés, as estereotípias do quotidiano que se desenha "individualmente ou entre famílias". Fazem-no através de representações mentais desse quotidiano caracterizadas, no caso do programa que referi, tanto pelos cem informantes inquiridos, como por concorrentes igualmente marcados pelo que a todos é comum ou suposto tal. Acentuam-se assim usos, atitudes, comportamentos e valores banalizados, que pouco têm a ver com o sistema de valores, com as atitudes e os comportamentos que caracterizam, ou caracterizaram, a nossa identidade cultural.

Acentuam-se, de igual modo, mecanismos de exclusão que raíam xenofobia e racismo. E assim caminhamos para um estranho efeito que marca o quotidiano de hoje. É que é bom estar em casa, fechado, ao abrigo dos outros, ao abrigo da violência, embora interagindo com tudo e com nada, para além do espaço e do tempo. Dito por outras palavras, Teremos o fenómeno que Tocqueville, identificou: *"la tendance centrale à l'oeuvre dans la longue durée occidentale, la tendance à la réduction de l'altérité dans l'espace humain"*. Se o homem comum é omnipresente, se nós somos homem comum, o outro apaga-se inevitavelmente, **EU-OUTREM** fusionam.

No que respeita ao contexto português actual, transcrevo agora algumas palavras do Pe. Vaz Pinto (TV Guia, 771, pág.20): "Atravessamos uma crise em todos os campos: na política, na cultura, na economia, na sociedade e nos valores. O homem ocidental está cada vez mais voltado para o dia a dia, para o consumo, para o prazer e o lazer, pouco aberto aos valores e ao sentido espiritual da vida". Daí que seja o dia-a-dia, o consumo, o prazer, o lazer e o folclore que dominam nas programações.

Pergunto quais as consequências de tudo isto em termos educativos, sociais e políticos, em termos de socialização da criança, em termos de afectividade, de cognição e, sobretudo, em termos de pensamento independente e de livre arbítrio.

Não será urgente delinear e conseguir uma ruptura que faça aparecer outras imagens do e no quotidiano, que incite a discutir e a pensar, que articule distância e envolvimento, que forme e informe, que ensine a ouvir e a ver, a explicar o mundo às pessoas e que até mais do que transmitir uma mensagem, leve à reflexão? Concluo citando de

novo Vaz Pinto: "Depois, o telespectador terá toda a liberdade para aderir ou não."

Dr. Rodrigo da Luz

Professor de Língua Portuguesa

Em primeiro lugar quero felicitar a mesa. Do que foi dito, há coisas com que concordo e coisas com que discordo, umas que subscrevo e outras que não.

Penso, contudo, que há pessoas que "pintam" os mass media com uma cor um pouco negra demais. É de facto uma realidade que há coisas que estão mal, mas a televisão foi algo de maravilhoso que aconteceu na vida das pessoas e na sociedade.

Partindo das palavras da Maria João Avilez, gostaria de contar uma história engraçada. Um dia mandei fazer uma pequena composição com o título "O que é comunicar?". Um aluno escrevia mais ou menos assim: "Na minha casa não havia comunicação. Nós tínhamos uma televisão na sala, uma na cozinha e outra no meu quarto, mas não havia comunicação." Depois ele dizia que tinham feito uma reunião de família, que todos sabemos que acontecem cada vez menos, e decidiram então que um dia por semana não abririam a televisão. Esta simples composição do 6º ano terminava assim: "A partir da altura em que se desligou a televisão uma vez por semana começou a haver mais diálogo e a família começou a entender-se melhor."

O que está a acontecer na vida das pessoas é que a televisão e os seus programas nos entram pela casa dentro quando ligamos o

aparelho. Entre colegas criticam-se invariavelmente os programas, mas o que é certo que todos os vêem até ao fim e depois dizem mal deles. Costumo sempre lembrar que existe um botão no aparelho, que desliguem, vão ler um livro, que se sentem, tomem um chá, mas que desliguem se não lhes interessar. Reflectamos nisso: alguns programas são maus, mas o que é certo é que no dia seguinte se constata que todas as pessoas os viram até ao fim.

Acho que a televisão é uma coisa linda, que possui esse botão maravilhoso que nós podemos usar quando e como queremos. Não a culpamos de muitas coisas! Ainda bem que agora há quatro canais de televisão!

Nós, professores, podemos pegar em certos programas para explicar aos nossos alunos aquilo que está bem e o que está mal e fazer debates a partir daí. Não é só dizer mal, porque a televisão também tem coisas muito boas e é uma coisa maravilhosa.

Prof. Doutor Orlando Lourenço

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

Lembro-me de um filósofo grego que dizia assim: "Há o ser e há o não ser". As pessoas devem conhecer o ser, com certeza (leia-se o bem), mas também devem conhecer o não ser (leia-se o mal). Se não existisse o mal não sei como é que saberíamos o que era bem!

Como psicólogo do desenvolvimento, tenho vindo a fazer investigações com crianças desde há alguns anos a esta parte. Em

relação a essa perspectiva que me pareceu um pouco escatológica em relação à televisão, penso que erramos o alvo e a ciência confirma-o, embora quem é cientista não fala de verdade, mas diz que porventura nos vamos aproximando dela cada vez mais. Os dados da psicologia do desenvolvimento dizem mais ou menos que erramos o alvo quando pensamos que a televisão é a grande causa da violência e avançam que quando as crianças vêem programas violentos são elas próprias que em si já são violentas (isto é, se há crianças violentas). O ficarem violentas pode ter a ver com a educação na escola, em casa; e as crianças que não são violentas vêem violência na televisão e não ficam mais agressivas.

Talvez seja bom falar em defesa da televisão neste momento, isto é, a televisão por vezes vomita violência, mas talvez nos esqueçamos que a televisão também modela o bem, o verdadeiro e a pluralidade. Acho que não devemos esquecer, sob o risco de sermos injustos e procurarmos nos outros aquilo que também está em nós, na educação que damos aos nossos filhos, aos nossos estudantes.

Ao longo da minha investigação com crianças tenho identificado um erro a que chamo erro educacional fundamental. É um pouco a crença extremamente prevalente que todos nós temos, sobretudo os professores, de pensar que quando as crianças se portam mal devem ser castigadas e quando se comportam bem nada merecem. Gostava de ouvir, sobretudo da parte das pessoas ligadas à televisão e à psicologia, como é que explicam o fenómeno das crianças em Portugal estarem tão atentas ao negativo e tão indiferentes ao positivo - alguém que cumpre uma norma moral, que não rouba, uma norma social, que dá podendo não dar, ou até uma norma académica, que se comporta bem na escola e tem boas classificações, podendo ter más.

Uma participante

É a si essencialmente, Maria João, a quem me vou dirigir, e porque teve a coragem de fazer um diagnóstico do sítio onde trabalha, eu também farei um diagnóstico do meu.

Na realidade, temos que culpar a escola de um certo estado de coisas, porque não soube durante anos assumir-se na sua função educativa. A realidade é que a televisão existe e a minha grande preocupação vai de encontro à sua e é a minha área de análise e de investigação. Quais são os valores que a televisão passa nos seus programas diários? É com eles que eu, educadora, tenho que co-habitar, é com eles que co-habito como mulher e como mãe, graças a Deus já de uma filha bem crescida e que não me deu preocupações, mas que é bem fruto dos media, e exerce actualmente, como eu, a carreira de jornalista.

Cito um exemplo que tem sido esquecido - dediquei a minha atenção de outsider da investigação aos valores que o desporto espectáculo tem vindo a veicular sistematicamente. Isto porque a expressão violenta, aquela clara e evidentemente expressa, não me preocupa tanto como a que está escondida e escamoteada.

Um dos grandes problemas que coloco e do qual nos parecemos esquecer é se a televisão será assim tão importante. Atinge assim tão profundamente? Eu tenho que dizer que se calhar não, porque trabalho numa zona rural onde aqui sim me preocupa qual é o papel que a escola deve assumir para diluir as diferenças que a televisão ajuda a potencializar e que muitas delas são criadas pela escola.

Obrigado

Uma participante

O principal problema que se me depara é explicar como é que consigo estar praticamente em total acordo com todas as pessoas que falaram. É porque realmente comecei a assistir a esta sessão com uma preocupação que vi agora tratada mais profundamente, ao contrário das outras sessões, cujas intervenções me criaram preocupações que eu não trazia. Os intervenientes ajudaram-me a entender o papel da televisão na educação da nossa sociedade, não só nas mensagens que transmite, mas no seu próprio "currículo" oculto. Foram feitas referências que para mim são esclarecedoras.

A minha preocupação leva-me a perguntar que cidadão estamos a formar e que modelo estamos a dar. Quais são os critérios de excelência que a televisão propõe? O que é um bom político? É aquele que ganhou ao outro, é o Chico Esperto? Não é certamente aquele, como disse a Maria João Avilez, que consegue explicar a sua política e mostrar que ela tem uma razão de ser, uma fundamentação que é melhor do que a do outro. Para os nossos jovens uma pessoa importante é o político, o indivíduo que aparece na televisão e que ganha ao outro de algum modo, como se de um desafio de futebol se tratasse. Portanto, temos por um lado os políticos com uma má proposta política e temos, por outro, todas as desgraças da humanidade - o indivíduo que rouba, o indivíduo assassino, figuras que nos aparecem na televisão como modelos para os nossos jovens.

Numa certa visita a um museu prestava-se homenagem a Rui Cinatti e estavam presentes alunos de uma Escola Superior de Educação. Falava-se do mérito desta personalidade enquanto poeta e

antropólogo, quando os alunos, espantados, se interrogaram como é que aquele senhor, de que nunca tinham ouvido falar nem visto na televisão podia ser tão importante? Então isso é que é uma pessoa importante? É questão destes valores.

Mais, a educação televisiva chega aos órgãos locais. Na pequena localidade de província onde vivo fui recentemente convidada para o Conselho Editorial do jornal local, onde já me apercebi que a imagem que existe do bom jornalista e do bom jornal é a que desvenda e descobre as misérias e não aquela que informa efectivamente das políticas concretas, do real.

Tudo o que a televisão ensina na sua prática é que o jovem delegue nos outros a capacidade de realizar. Vemos muito pouco os jovens a praticarem projectos concretos positivos, quer nas escolas quer na sociedade. As práticas positivas das escolas não aparecem na televisão e se calhar isso podia constituir um meio da televisão educar os jovens.

É engraçado também referir o apelo que a própria televisão tem feito nos últimos tempos à crítica a esta passividade. Eu cito, por exemplo, um programa dos "Simpsons" sobre este assunto e Herman José numa introdução ao "Parabéns" onde dizia: "E vocês estão aí sentados passivamente a ver...", uma coisa muito bem feita.

Ana Gabriela

Aluna do Curso de Ciências de Comunicação do Instituto Erasmus de Ensino Superior

Queria fazer uma pergunta à Dra. Maria João Avilez. Como é que a escola pode modificar a mentalidade das crianças e dos jovens com a ajuda dos pais, que estão ausentes pelas exigências do dia-a-dia?

Prof. Doutor Eduardo Marçal Grilo

Achei muitíssimo interessantes as intervenções do painel, que foram complementares entre si. Falou-se em tempos de televisão com impactos extremamente ridículos - a Maria Emília Brederode exemplificou uma notável experiência de enorme sucesso, mas que será 2% do tempo total de televisão, não tendo, assim, o impacto que poderia ter. Confirmando este exemplo, o Ricardo Charters revelou na sessão da manhã que o tempo de televisão dedicado em Portugal aos aspectos educativos e formativos é o mais baixo da Europa.

Retiro duas questões destas intervenções: uma tem a ver com a gestão dos media e outra tem a ver com a educação para os valores.

Fui muito sensível à intervenção da Maria João Avilez, que já recentemente escreveu um artigo no "Público" em que falava muito de como se vivia nos anos 50. No seu encadeamento, não resisto a contar uma história relacionada com a gestão dos meios. Quando estávamos doentes em Castelo Branco, nos anos 50, a doença era associada à vinda para casa de uma tia muito idosa chamada Lucrecia, que se

sentava no nosso quarto e contava histórias. Era a única contadora de histórias que eu conheci na minha vida, porque as contava sempre com as mesmas palavras e com a mesma entoação. Nós utilizávamo-la praticamente como um vídeo: andava para trás e para diante, ora contava esta, ora a outra, ou então contava-as todas de enfiada.

Quando há quatro anos atrás estive quatro meses doente em casa, fui invadido por CD's, vídeos, discos, livros, revistas e outras coisas das mais diversas até que, a certa altura, tive francamente alguma dificuldade em ingerir toda aquela confusão, apesar de não ser propriamente uma pessoa pouco sofisticada - tenho uma série de gostos, já tenho muitos anos, tenho alguma experiência. Nas quatro intervenções tocou-se no ponto importante: é que nós não damos a volta à televisão, nós somos capazes de dar a volta às pessoas. A televisão é imbatível, é uma caixa mágica que revolucionou a política, a cultura, o desporto e o comportamento das pessoas. Temos que a tentar colocar como nossa aliada. O esforço da Maria Emília é notável nesse sentido, e o mesmo afirmo de todos os que já tocaram na televisão do lado da formação, da educação e da informação séria. Já dei anteriormente o exemplo dos programas televisivos e da leitura. Não se combate a televisão e não se favorece o livro e a leitura dizendo às pessoas para desligarem a televisão e lerem um livro; pelo contrário, temos que pôr a televisão a ser o maior meio divulgador do livro.

A educação para os valores é necessária desde a base, para gerir os media, para saber interpretar e tirar daquela dose de informação brutal com que somos arrasados aquilo que sedimenta em nós e que nos faz aumentar a nossa cultura, que é, afinal, tudo aquilo que fica depois de termos esquecido.

Dr. Manuel Pinto

A primeira nota é para dizer que, apesar de as intervenções iniciais terem sido aparentemente contraditórias entre o lado esquerdo e o lado direito da mesa, concordo com o Eng^o Marçal Grilo quando sugere que se trata de perspectivas complementares. A denúncia da lógica dos conteúdos mediáticos, aqui trazida por Maria João Avilez e pela Prof^a Maria Emília Marques constituem uma dimensão da descoberta que é preciso fazer através da educação para os media, para os valores e para a cidadania. Em termos pedagógicos esse poderá ser um ponto num percurso a fazer, mas não pode esgotar esse percurso.

Mas quem é que é capaz de se dar ao trabalho de estudar a "TV Guia", como fez aqui a Prof^a Maria Emília, ou a "TV Sete Dias", "A Bola" ou a "Maria", por alguns considerados sub-produtos sem dignidade, mas que são, por outro lado, a imprensa mais lida? É preciso lançar um olhar atento sobre estes "produtos", porque neles se espelham muitas das realidades e dos sonhos do nosso país. Ora isto não pode ser pura e simplesmente ilegítimo, por um qualquer "decreto" iluminista.

Segundo ponto: os significados (e os problemas) não estão apenas nos textos, isto é, não estão apenas nos programas; estão também do lado de quem os recebe. O diálogo daí resultante, a qualidade da prestação e do contributo de quem recebe é fundamental e eu acredito, que incentivando um maior grau de exigência cultural, estética e moral ao nível das audiências, os canais televisivos, a prazo, vão sentir-se obrigados a rever as suas políticas de programação.

Dr^a. Maria Emília Brederode Santos

Gostava de lançar uma pergunta à audiência. A Maria Emília Marques falou nos dois debates transmitidos ontem no Canal 1 e na 4 e que se teriam transformado em autênticos "comícios" - quantos é que viram um, outro ou ambos esses "comícios"? ... São muitas pessoas! Quantos é que viram, na TV2, o documentário da Diana Andringa? ... São muito menos! Pois, eram em simultâneo! Porque é que toda a gente escolheu os "comícios" da 1 e da 4? No fundo, tínhamos a opção entre os "comícios" e um documentário excelentemente bem feito, que convidava a pensar, etc., e, no entanto, a maior parte de nós escolheu os "comícios". Também devemos pôr um pouco em causa as nossas preferências, descobrir que atracção é esta que temos por aqueles sarilhos ...

Neste momento o espaço de programas infantis e juvenis do "Um, Dó, Li, Tá" na TV2 é o de maior audiência a seguir aos desafios de futebol e antes mesmo da telenovela. Nesse conjunto, o programa de maior audiência é um programa educativo e muito informativo, de que eu por acaso não gosto muito, chamado "Descobertas Sem Limite". Repare-se, apesar de termos dentro de nós este diabo que nos empurra para querer ver os pandemónios, temos ao mesmo tempo um misterioso gosto qualquer por aprender ou pelo menos por ter a ilusão de aprender (esse programa tem por vezes tanta informação, que até se pode acabar por não aprender nada). É essa motivação que não podemos desiludir.

Maria João Avilez

Respondendo à minha simpática futura colega: não devolvi para a escola a tentativa de resposta ao diagnóstico que fiz, reforcei sim o seu papel, justamente pelas razões que aponteí - porque a mulher hoje em dia trabalha, porque as casas estão transformadas num dormitório, porque se está pouco em casa. A escola não é o meu universo, portanto não lhe posso dar uma resposta-milagre ou uma receita, como se fosse um bolo de chocolate. Temos que acreditar que não vamos bater a televisão e que, portanto, vamos ser capazes de, pelo menos, estar em pé de igualdade e reforçar o nosso critério e o acompanhamento dos nossos filhos a ver televisão, isso pela parte que nos toca em casa. Depois, a escola, foi precisamente a reflexão que aqui deixei.

Profª Doutora Maria Emília Marques

Resumindo, queria só dizer que parti para a selecção dos programas referidos, de uma lista intitulada "Top TV - Os 20 Mais". Foi essa lista basicamente que me preocupou ainda mais em termos que passo a sintetizar: por um lado, transparece nela a massificação do público, massificação inclusive naquilo que nos é apresentado nos ecrans da televisão, massas ruidosas que vaim, gritam, ululam quase; por outro, dominam esquemas de falsa interactividade que originam uma sensação, também ela falsa, de liberdade. No entanto, isto em nada minimiza o que de muito bom a televisão ou já deu ou ainda tem para dar. Reflectindo, cito a título de exemplo, que, a propósito de "A Viúva do Enforcado", vi muitos jovens de 14 e 15 anos mergulhados em Camilo, coisa que nunca tinha imaginado possível. Jovens que me

pediam indicações de outros autores que abordassem o mesmo tipo de temas ou de meios socioculturais. São casos como este que a escola tem de acompanhar, não se dissociando de um tipo de televisão diferente que até pode explorar nas aulas.

E se a escola tem de integrar certos tipos de emissões, tem também, e sobretudo, o dever, mesmo em termos de uma aprendizagem democrática, de desmistificar o surto de presenças massivas de multidões ruidosas, o surto de mecanismos falsamente interactivos ou de demagogias falsas e fáceis, na espectacularidade de certos efeitos cénicos.

A escola tem de ensinar a ver e a ouvir, TUDO e TODOS - aprendizagens tão básicas, afinal, quanto ler ou escrever. E tem, para além disso, de ensinar a pensar, a estar e a ser, enraizando a aprendizagem no complexo de tramas que nos circulam e que, de tão envolventes, de tão violentas, até nos podem destruir.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

**Discurso do Presidente do Conselho Nacional de
Educação**

**Discurso de Sua Excelência o Presidente da
Assembleia da República**

**Palavras Finais do Presidente do Conselho
Nacional de Educação**

